

ENTRE O REAL E A IMAGEM: Pioneiros e indígenas em Roraima na década de 1990.

Raimundo Nonato Gomes dos Santos - UFRR.

Este trabalho tem como objetivo compreender a posição ocupada pelos povos indígenas no passado de Boa Vista, cidade criada em 1890, atual capital do Estado de Roraima, tendo como fonte principal a representação produzida pela sociedade boavistense, materializada em um monumento aos seus pioneiros construído em 1995, que surgiu como um dos frutos de um projeto que procurava ressaltar as raízes históricas da Cidade, levado a efeito pela sua Prefeitura Municipal. Trata-se de uma imagem que compreendemos como síntese de uma auto-representação, produzida pela sua elite social, realçando sua história, o que envolve sua relação com os indígenas.

Em parceria com a Fundação Banco do Brasil, a Prefeitura Municipal de Boa Vista desenvolveu um projeto intitulado: “Projeto Raízes”, com a finalidade de identificar e preservar os patrimônios arquitetônicos, artísticos, culturais e históricos da cidade. O trabalho envolveu reformas e pinturas das fachadas de prédios antigos e reforma de praça. Conforme relatório de atividades da cidade de Boa Vista,¹ obedeceu aos critérios adotados pela UNICEF - Fundo de Cultura das Nações Unidas, para os conjuntos arquitetônicos considerados patrimônios da humanidade.

Uma das etapas do Projeto Raízes foram obras realizadas no berço histórico da Cidade de Boa Vista, que incluiu a reforma da Praça Barreto Leite. Nesta, foi construído no lado leste que dá para o rio Branco, um muro de arrimo em pedra natural que representa o Forte São Joaquim, forte construído pelos portugueses no final do século XVIII. Na parte mais alta do muro, foi construído um monumento aos pioneiros de Boa Vista. É exatamente a imagem deste monumento que passamos a analisar.



Luiz Canará 18-08-95

Foto de Jorge Macedo

A obra em si foi esculpida em concreto armado pelo artista plástico roraimense Luiz Canará, que procurou obedecer à seqüência: a chegada de famílias imigrantes em canoas movida a remo, que se encontra à esquerda e em primeiro plano; o transporte de seus utensílios quando em terra feito por homens e mulheres, também à esquerda, mas em segundo plano; a conquista dos campos representada pelo homem a cavalo ao centro do conjunto e; à direita, estão os indígenas, com destaque para o busto da principal personagem da mitologia indígena roraimense, o “*Pabá Curinã Makunaima*” – o Grande Pai Macunaíma,² que aparece em primeiro plano e em alto relevo, tendo por trás um grupo de indígenas de pé e nus.

O Monumento aos Pioneiros de Boa Vista é uma tentativa de apresentar a História da formação da Cidade e, porque não dizer, do Estado de Roraima, pois vemos dois indícios disto: um, é quando procura reproduzir o perfil do Monte Roraima, ponto mais elevado do Estado, marco de fronteiras entre Brasil, Venezuela e República Cooperativista da Guiana e, o outro, está no muro de arrimo, que procura lembrar o Forte São Joaquim, construído pelos portugueses em 1775, na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, hoje em ruínas.

A obra está localizada no berço histórico de Boa Vista, tornou-se atração turística, virou cartão postal. É importante observar que esta imagem foi produzida em meados da década de 1990, momento caracterizado por tensão na relação entre a sociedade não-indígena e os povos indígenas, pois ao longo da década de 1980, uma leva de garimpeiros vinha invadindo os campos de Roraima em busca de ouro. Trata-se também de um período de organização dos povos indígenas não só em Roraima, mas a nível continental, com o objetivo de defender o direito de ocuparem seus territórios sem serem incomodados por outros grupos. Anos, portanto, de resistência destes povos na tentativa de rever benefícios que estavam perdendo, momento que as autoridades locais e nacionais batem cabeça e são obrigadas a dar respostas não só a sociedade brasileira, mas ao mundo. Estava em pauta a demarcação das terras indígenas, a indenização e retirada de fazendeiros das áreas reivindicadas, a explosão de pistas de pouso e retirada de garimpeiros dos territórios indígenas. Foi um período em que muitas vidas foram consumidas ou ameaçadas na construção da história deste Estado.

Entretanto, vemos neste quadro os indígenas com sua presença direta numa imagem construída pela elite local em um momento bastante significativo, pois se trata de uma ocasião em que a sociedade roraimense se volta para o seu passado e procura se reconhecer na sua própria história, e na representação que produziu, a presença indígena está garantida de forma bastante concreta.

Trabalhando a relação entre memória e história tendo como preocupação à reconstituição da história por meio da fotografia, diz Boris Kossoy que a imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. Entre elas uma é a imagem que está visível e imóvel no documento, uma outra diz respeito ao referente, ou seja, a realidade exterior à qual a imagem representa, é o testemunho, o conteúdo. Acrescenta o autor, que as demais faces não podemos ver, não estão explícitas, mas que podemos intuir, é:

a vida das situações e dos homens retratados, desaparecidos,
a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no

tempo, a realidade interior da imagem: a primeira realidade.³

Portanto, a análise da fotografia nos remete ao processo histórico no qual se deu a produção da imagem, realidade que não podemos ver, não está explícita, mas que podemos captar o espírito das razões que motivaram sua criação.

Ao observarmos a foto acima, podemos constatar como primeira realidade o que podemos ver de imediato: no primeiro plano e abaixo temos um casal numa canoa, na imagem principal à esquerda vemos pessoas que parecem retirantes, no centro um senhor a cavalo e a direita um grande busto de homem, tendo como fundo pessoas de pé e nuas.

Uma outra realidade que podemos mostrar é o referente, como se trata de uma escultura, vemos na imagem do homem a cavalo a representação de um fazendeiro instalado nos campos de Roraima, na imagem das pessoas na canoa ou caminhando a pé a representação de pessoas imigrantes de pouco poder aquisitivo. Temos também imagens que representam além de um busto vários indígenas. No total podemos imaginar pessoas já falecidas outras vivas, além de seus descendentes que continuam vivendo nos campos, espaços físicos que caracteriza o solo de Roraima.

Entretanto, o que procuraremos analisar é o processo histórico no qual esta imagem ganha sentido e representação, portanto, é o lado oculto, é o que não está explícito conforme o Boris Kossoy.

Nos detendo na fotografia, podemos observar que as imagens à esquerda mostram imigrantes chegando de barco e a pé, o que demonstra paciência e disposição, simbolizando coragem e bravura, podemos até ler isto na placa comemorativa ao 85º aniversário de fundação do Município de Boa Vista, no centro da praça que diz: “*Árdua é a missão de desenvolver e defender à Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquista-la e mantê-la*”. Ou ainda podemos ler também na placa que se encontra junto ao monumento: “*Homenagem da Cidade de Boa Vista aos Pioneiros que com coragem e esperança iniciaram a realização de um Sonho chamado Roraima*”.

Quando se caracteriza Roraima como sendo o lugar da pecuária, entendemos que

não é por acaso que no centro da fotografia parece reinar absoluto o homem do cavalo, simbolizando os criadores de gado bovino, atividade que recebeu atenção especial dos governantes locais no período, sem contar que esta foi responsável pela fixação da sociedade regional em solo roraimense.

Fechando o conjunto, à direita estão os indígenas, que ao contrário dos personagens não-indígenas, estes apresentados na fotografia em movimento, em atividades, aqueles estão estáticos. Dessa forma, o quadro apresenta uma unidade na qual os indígenas estão incluídos, entretanto, a sua posição é secundária, visto que no centro da imagem se encontra o ator e o assunto principal, representados no homem a cavalo.

Na leitura que fazemos desta imagem, o aspecto inerte dos indígenas é bastante significativo, pois como sabemos, o conflito envolvendo os dois grupos é, talvez um dos mais problemático por que passa o Estado Nacional na atualidade, ações na Justiça são de todas as ordens, envolvem pessoas físicas e jurídicas, órgãos governamentais e os próprios governos. Entretanto, uma coisa a nosso ver é bastante clara, ao observamos os discursos da sociedade roraimense, os indígenas são poucos atacados diretamente, poucos se arriscam a atacá-los usando o termo “índio” e, na maioria das vezes quando o fazem, é para dizer que eles não precisam de muita terra.

Os ataques são direcionados a atores de duas categorias. A primeira, diz respeito ao que podemos chamar de parceiros dos indígenas, envolve mais de um grupo social: são religiosos; ecologistas; defensores dos direitos humanos; funcionários públicos sejam eles da FUNAI, do IBAMA, da Justiça, da Polícia Federal, ou o próprio Governo. Como evidência disto, vejamos o desabafo de um garimpeiro:

O Governo Federal e esses padres mentirosos tem que aprender que garimpeiro é trabalhador e não matador de índio. Ao contrário, nós ajudamos os Yanomamis nas aldeias.⁴

Portanto, as acusações são direcionadas a qualquer um que seja levado, por opção

ou força do ofício, a tomar uma decisão em favor dos povos indígenas que venha a contrariar os interesses daqueles que se auto-intitulam "pioneiros" ou "civilizados".

O segundo grupo acusado diretamente pela sociedade local são os próprios indígenas. Mas, as acusações não se referem a eles enquanto tais, mas se utilizando o termo caboclo, pois neste caso, não merecem nenhuma atenção diferenciada.

Isto a nosso ver, justifica a posição estática dos indígenas na fotografia. Estes na visão da elite local: não se movimentam e, se existe algum movimento, não tem origem neles, mas se trata de uma criação de outros grupos que, por interesses escusos, usam os indígenas e procuram dar vida a esta categoria. Entretanto, real ou fictícia, para os pioneiros, esse espectro cruza seu caminho, e lá está o Grande Pai Macunaíma, o grande mito indígena roraimense, presente em concreto a barrar o caminho dos pioneiros, apesar de ter sobre seu ombro as patas dianteiras do cavalo do fazendeiro e do gesto de boas vinda que acena.

Se tomarmos esta imagem pensando-a enquanto a fotografia do lugar⁵ que a sociedade local deseja construir em Roraima, podemos perceber que esta ao ocupar o espaço, tirou dos indígenas o direito de opção, apenas um lugar lhes foi reservado sob condição de não poderem se movimentar e dessa forma, terem iniciativa própria nessa organização do espaço, pois o gesto de se mover altera a configuração da imagem, produz novas posições dos sujeitos que compõem a paisagem, qualidade que está reservada aos não-indígenas, estes como percebemos estão todos em movimento. Portanto, aos povos indígenas está muito bem assegurado o seu lugar no seio da sociedade roraimense, desde de que não reivindique qualquer tratamento diferenciado.

Por último, podemos perceber que entre o real e a imagem, entre o sonho e a ação, indígenas e não-indígenas vão tecendo a História de Roraima. Uma história povoada de homens, de mitos e estórias, mas real o suficiente para produzir lutas pela terra, pela propriedade, pelo habitar, pela moradia, por paz e por direitos garantidos.

¹ Relatório de Atividades da Cidade de Boa Vista do período de janeiro de 1993 a março de 1996.

² BRASIL, Amazonas. Berço Histórico de Boa Vista. Boa Vista, il. 1996, p. 8.

³ KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, pp. 4-5.

⁴ Jornal a Crítica de Roraima, 05/01/1990, p. 6.

⁵ O termo “lugar” é utilizado conforme a concepção de CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.